

da busca de um caminho próprio, diferente da experiência européia de postular a recusa de todas as tradições.

Uma boa discussão diz respeito à também aparente contradição entre cosmopolitismo e nacionalismo (ou entre universalismo e particularismo) nas experiências modernistas brasileira e argentina, a partir da entrada em cena da figura do primitivo, fundamental, segundo Garramuño, para que promovêssemos uma diferenciação em relação às vanguardas européias. Seria justamente o primitivo que nos permitiria encontrar a diferença e, em decorrência dela, o nacional. O tango e o samba, nesta linha de raciocínio, seriam ao mesmo tempo os vetores por excelência tanto do elemento primitivo e diferenciador quanto da conversão à modernidade, já que o primitivo, em

ambas as culturas, serviria à modernização. É assim que Garramuño define o primitivo latino-americano dos anos 1920 como um significante “anfíbio”, ao referir-se “ao mesmo tempo ao gesto moderno e sofisticado da vanguarda européia, criadora desta ‘problemática’, e o passado nacional, onde esse primitivo é ‘descoberto’” (p. 144).

A construção dessa “modernidade alternativa” pelos países estudados, Brasil e Argentina, é abordada pela autora através de uma análise fina e peculiar, o que torna o seu trabalho relevante para o pensamento cultural latino-americano. Ao afirmar, por exemplo, que o samba e o tango atuam como “figuras de sentidos contraditórios e ambivalentes” no processo de modernização de seus respectivos países, constituindo o paradoxo funda-

mental da “modernidade primitiva”, ela admite a recusa do pensamento dicotômico que tenderia a separar os dois termos, procurando mostrar, ao contrário, que a própria concepção de “primitivo” é um construto da modernidade.



Referências bibliográficas:

ANDRADE, Mário de (1962). *Ensaio sobre a música brasileira*. São Paulo: Martins.

MORAES, Eduardo Jardim de. (1983). “A constituição da idéia de modernidade no modernismo brasileiro”. Tese apresentada ao Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, para obtenção do grau de Doutor em Filosofia.

SANTIAGO, Silviano (1987). Permanência do discurso da tradição no modernismo. In: *Cultura brasileira: tradição/contradição*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

livros/libros

A minha Brasília tem sertão

Sérgio de Sá. *Roberto Corrêa: caipira extremo*. Brasília: Ed.do Autor, 2006.

Flavio Barbeitas

Continua de uso corrente a frase que cristalizou uma visão negativa de Brasília, caracterizando-a como “uma cidade plantada no meio do nada”. A crítica embutida nesse lugar-comum atinge a capital e a experiência de sua construção, apoiando-se claramente no preconceito contra o Brasil Central e contra o que ele representa, de certa forma ainda hoje, num imaginário “sudestino”: atraso das relações sócio-econômicas, mentalidade rural e conservadora, falta de cultura etc. Não custa para perceber, no entanto, que atacar Brasília nesses termos significa manter-se, paradoxalmente, dentro da mesma lógica que fez surgir a cidade, com aquela célebre busca de expandir a modernidade e interiorizar o desenvolvimento brasileiro. Para os seus defensores, Brasília funcionaria como posto avançado a irradiar o progresso em todo o território nacional; para os seus críticos, seria uma aberração, uma

experiência inviável, até pela falta de um entorno “civilizado” que lhe garantisse as trocas necessárias à sobrevivência. Num caso e no outro, olhos e ouvidos concentram-se num mesmo e único valor, ou seja, o moderno e suas realizações. O resto? Ora, o resto é irreconhecível, indigno, sequer existe; é o nada, o deserto, o lugar nenhum.

Um belo contraponto a esse bordão interpretativo pode ser lido e ouvido em *Roberto Corrêa: caipira extremo*, livro organizado e publicado pelo jornalista Sérgio de Sá. Trata-se, aliás, do segundo volume da série *Brasilienses* (o primeiro fora dedicado ao poeta Nicolas Behr) cujo objetivo principal é justamente indagar a identidade cultural da capital brasileira que, em 2010, completará cinquenta anos. Roberto Corrêa é músico – violeiro e compositor. A leitura de sua trajetória artística indica que no pavimento de Brasília, que tantos queriam imper-

meável, já há muito se abriram fendas por onde hoje crescem, vigorosamente, os frutos do antigo solo sertanejo. Indica, também, que a busca da identidade cultural da cidade, diante da impossibilidade de plantá-la exclusivamente num ideal moderno, passa pela abertura ao cerrado e às suas manifestações. É verdade, por outro lado, que essa abertura não equivale a nenhuma renúncia nem a uma rendição do projeto de Brasília: a música de Roberto Corrêa não corresponde a um sertão originário e puro que, agora, num resgate idealizador, finalmente estaria sobrepujando a cidade de concreto. Não, a sua música é já o fruto de um diálogo cultural, é contaminada pelo urbano, pela modernidade da cidade; e o próprio Roberto Corrêa é muito mais um mediador do que um representante direto do universo rural. As suas composições, como ele mesmo afirma, “são extremamente diferencia-